

SOROPREVALÊNCIA DE ANTICORPOS ANTI-HEPATITE A EM PRIMATAS NEOTROPICAIS MANTIDOS EM CATIVEIRO

Ariela P. Setzer¹; Alcides Picinatti²; Ana Maria C. Gaspar³; Marly Sidoni³; José L. Catão-Dias^{1,4}.

¹Departamento de Patologia da FMVZ-USP, Av Orlando Marques de Paiva 87, São Paulo-SP, arisetzer@yahoo.com; ²Centro de Primatologia do Rio de Janeiro; ³Departamento de Virologia da FIOCRUZ; ⁴Fundação Parque Zoológico de São Paulo.

A hepatite A é uma zoonose causada pelo vírus da Hepatite A (HAV), um picornavirus que tem como hospedeiros naturais os primatas humanos e não humanos. Existe apenas um sorotipo, porém várias cepas, divididas em 7 genótipos, sendo 3 destes estritamente de cepas humanas e 3 que contêm apenas cepas símias. O genótipo III possui tanto cepas humanas como de primatas não humanos. A variação genética entre as cepas de um mesmo genótipo é de no máximo 15%. Já a variação antigênica entre todas as cepas é praticamente inexistente; por isso pode-se utilizar os testes diagnósticos utilizados para humanos em primatas não humanos. A contaminação pelo vírus da hepatite A se dá pela via fecal-oral, ou seja, o animal ingere o vírus por meio de alimento ou objetos contaminados e, após replicação do vírus no fígado, ele é eliminado nas fezes. A manifestação clínica da doença em primatas e crianças é geralmente assintomática; mas quando presente, é inespecífica e varia de quadros brandos até a morte do animal. O diagnóstico é feito por métodos sorológicos, através da detecção de anticorpos específicos anti-HAV, ou através da detecção de antígeno viral nas fezes durante a fase aguda da doença. A presença de IgM anti-HAV indica infecção aguda ou recente, ao contrário dos anticorpos do grupo IgG, que são encontrados a partir da fase de convalescença e permanecem presentes por vários anos. O objetivo deste trabalho foi o de pesquisar a soroprevalência de anticorpos anti-HAV em primatas neotropicais mantidos em cativeiro. Para tanto foram testadas 285 amostras de soro de primatas neotropicais de 29 espécies, além de animais de 4 grupos de diferentes híbridos. Todos espécimes encontravam-se em cativeiro em 13 diferentes zoológicos do Estado de São Paulo e no Centro de Primatologia do Rio de Janeiro (CPRJ). As amostras foram testadas para IgM e IgG anti-HAV com teste imunoenzimático produzido pela Fundação Osvaldo Cruz. As amostras positivas ou suspeitas foram retestadas com Kit comercial da BIODIA para IgM e da Organon para IgG. Todas as amostras foram negativas para IgM, ou seja, nenhum animal testado apresentava infecção aguda. Já, das 163 amostras provenientes de zoológicos e das 125 oriundas do CPRJ, 13 (8%) e 5 (4%) foram positivas para IgG respectivamente, demonstrando que uma parcela da população de primatas em cativeiro já esteve em contato com este vírus. A prevalência encontrada de anticorpos anti-HAV neste trabalho ficou abaixo do esperado, pois sabe-se que o índice de animais positivos em cativeiro é bastante alto. Um exemplo disto é o fato de que grande parte dos animais negativos para HAV provenientes de vida livre soroconvertem até 6 meses após o início do cativeiro. Já a menor frequência de animais positivos observada na população do CPRJ era esperada, pois como se trata de um centro de pesquisas onde não há visitação pública, os animais têm menos contato com humanos, e estes são, sabidamente, a maior fonte de infecção para os primatas mantidos em cativeiro.

Agradecimentos: Funcionários do Centro de Primatologia do Rio de Janeiro; técnicos, pós graduandos e estagiários do Laboratório de Hepatites Virais da FIOCRUZ. Apoio: FAPESP, FIOCRUZ, IBAMA, CPRJ